

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Isto é inadmissível"

(Foi esta a resposta do STF em protesto às graves acusações feitas à Corte e aos juízes pelo filho do presidencial Jair Bolsonaro. A história acaba aí?)

Good fellas

► **Os amigos do capitão Bolsonaro não são flores que se cheirem, com a proteção ancestral de Amaral Netto, ou seja, Amoral Nato**

Chegou ao nível do risível, no mundo político, a notícia de que Jair Bolsonaro disputaria a Presidência da República. A primeira conversa dele foi com o Francisco Dornelles, vice-governador do Rio de Janeiro. Do alto de seus 83 anos, este mineiro matreiro na vida política tentou dissuadir o capitão-deputado, já com sete mandatos e oito partidos no currículo. Nove agora, ao mudar para o PSL.

Dornelles perdeu. De franqueza quase sempre violenta e ataques histéricos, como comprovam seus discursos, Bolsonaro, Jair para "os bons companheiros", em versão próxima à adotada no cinema por Martin Scorsese. Talvez acreditasse ser sustentado por aval divino. Não foi acaso ele ter criado um lema para a campanha presidencial: "Brasil acima de todos, Deus acima de tudo".

Eis um parlamentar sem cochichos. Foi claro na conversa com o vice-governador do Rio. Disse que andava cansado da Câmara

e que seria candidato a presidente, mas "procuraria outro partido" porque o dele, Dornelles, andava implicado demais com a Lava Jato. E assim foi feito. Deixou o Partido Progressista, comandado pelo conhecido senador Ciro Nogueira.

Nogueira é presidente do partido desde 2013. Foi denunciado em setembro de 2017, acusado de integrar o chamado "quadrilhão do PP". Ele entrou na mira das delações após suspeitas de que recebia repasses de verbas desviadas da Petrobras.

Bolsonaro participou do PP por um ano, entre 2015 e 2016. Em 1994, os votos dele favoreceram, com o sistema da proporcionalidade, o mandato de Amaral Netto. Ambos do Partido Progressista Brasileiro (PPB), hoje PP. O favorecido erguia a bandeira da pena de morte, quando o crime corria solto pelas ruas do Rio de Janeiro. Ele batia no peito e se dizia um político "de direita". Mais ou menos como ocorre agora. Seria Amaral Netto, também conhecido como Amoral Nato, ancestral político de Bolsonaro?

O capitão avançou eleitoralmente. Explodiu nas urnas com 464.572 votos em 2014, número suficiente para eleger deputados de outras legendas. Entre eles, Júlio Lopes e Simão Sessin, primo do poderoso bicheiro Anísio Abrão David, fraternais amigos de Bolsonaro. Júlio, por seu lado, foi um dos mais ativos deputados na manobra do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff.

Nebuloso o passado de Lopes. Era chamado de "pavão" nas salas da Odebrecht e, em julho passado, foi delatado pelo empresário Leandro Camargo, ex-secretário de Transportes do Rio. Abriu a boca.

O empresário disse que presenciou quando Lopes recebeu "um saco cinza" que continha 100 mil reais. Recebeu muito mais posteriormente. Ele também foi batizado no meio empresarial de "braço de extensão" de Dornelles, o amigo de Bolsonaro. •



Amaral Netto, um precursor. Ele se chama Julio Lopes, também conhecido como "pavão" nos corredores da Odebrecht

RENATO ALVES/FOLHAPRES, ANTONIO AUGUSTO E EVERTON DANTAS



A certeza na vitória da extrema-direita talvez desfavoreça Fátima

O PT e o Nordeste

Dos nove estados do Nordeste, zona eleitoral do PT, somente um, o Rio Grande do Norte, ainda não decidiu o confronto para os governos estaduais.

Fátima Bezerra (PT) tem 54% das intenções de voto e Carlos Eduardo (PDT) soma 46%.

A falta de disposição do eleitor petista para voltar às urnas para a escolha do presidente da República pode diminuir o ímpeto e desfavorecer o PT.

Perde e ganha

Carlos Augusto Montenegro, presidente do Ibope, evita falar sobre o vencedor da disputa presidencial entre Bolsonaro e Haddad. Mas tem uma convicção.

Caso o PT não vença, no jogo natural de perde e ganha da democracia, garante: “Vai voltar firme para

ganhar a eleição de 2022”. Talvez de forma imbatível.

Balança e cai

Os institutos de pesquisas, a exemplo do Ibope, explicam assim a súbita gangorra acontecida, no primeiro turno, na luta das vagas para o Senado.

Roberto Requião (PR) começou a queda quando estava com 34% das intenções de voto. Seguiram-se a ele a ex-presidenta Dilma Rousseff (MG), que tinha 26% antes da queda final, e Eduardo Suplicy (SP), que sustentou a vanguarda por longo tempo com 28%. Eunício Oliveira (CE) tinha 30% quando começou a despencar e Cesar Maia (RJ), 31%.

Todos eles largaram na frente com grande diferença. A explicação da queda é atribuída à escolha de duas vagas.

O general e Iracema

O general Hamilton Mourão, vice-presidente na chapa eleitoral de Jair Bolsonaro, cuida mesmo da aparência pessoal.

Trocou os cabelos

brancos pela cor mais preta do que “as asas da graúna”, compararia José de Alencar.

Mas, para se mostrar duro, raramente dá um sorriso.

A Petrobras e o eleitor

Antes da eleição, a vigilante Associação de Engenheiros da Petrobras (Aepet) fez um levantamento, na Câmara dos Deputados, com o nome daqueles que votaram a favor do projeto de lei que tirou a empresa de operadora única do pré-sal e os daqueles eleitores favoráveis à venda de até 70% das reservas de petróleo da cessão onerosa.

A Aepet apurou que, dos 292 deputados que votaram por tirar a Petrobras como operadora única, 192 deles não se reelegeram (67,13%). Já os que votaram pela entrega da cessão onerosa, de 217 foram expurgados 142 deles (65,44%).

O senador Romero Jucá, autor da emenda aprovada, não se reelegeu, assim como o deputado José Carlos Aleluia, autor do projeto de lei.

Que país é este?

Affonso Romano de Sant’ Anna já definiu, em verso, a atual situação do Brasil. Explica o poeta: “Uma coisa é um país, a outra um ajuntamento”.



Montenegro vaticina: o PT volta em 2022

mauriciodias@cartacapital.com.br